

Economia - Brasil

Carvalho critica política de Malan

Nunca o ministro da Fazenda, Pedro Malan, havia feito tamanho esforço para entender-se com os políticos e evitar uma sabatina pública dos tucanos aflitos para que os resultados econômicos positivos apareçam em tempo de atender ao calendário eleitoral do ano que vem. Foi uma maratona de almoços, jantares e reuniões que terminou ontem, perto das 2 h da madrugada. Mas o esforço não foi suficiente para tirá-lo da berlinda e livrá-lo de novos dissabores, desta vez vindos do próprio governo.

"Ajustes não podem ser entendidos como camisa de força para o desenvolvimento", disse o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Clóvis Carvalho, na abertura do seminário "Desenvolvimento e Estabilidade", promovido pelo PSDB. Sentado ao lado do ministro Malan, Carvalho assumiu o papel de crítico da política econômica, que já foi ocupado por José Serra, então ocupante do Planejamento, durante os dois anos iniciais do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso.

Ao avaliar que "a ênfase monocórdia na contenção de gastos a qualquer custo reduziu a interlocução do governo com o Congresso

e com os mercados", surpreendeu a platéia com observações duras que pareciam direcionadas ao ministro da Fazenda e que retomam as velhas divergências originais do início do governo tucano. "Dá sim, para ousar e arriscar mais. O excesso de cautela, a essas alturas, será o outro nome para a covardia."

A busca das antigas divergências não surgiram do nada. Um cardeal do PSDB com trânsito no Palácio do Planalto disse que o presidente Fernando Henrique considera positivas as tensões internas do governo. Por isso teria escalado Carvalho para fazer um contraponto com Malan no Executivo, equilibrando estabilidade e desenvolvimento. Mas até o cardeal tucano avalia que Carvalho, menos afeito à função do que Serra, político mais acostumado a agir discretamente, "excedeu-se no tom".

Um interlocutor do presidente revelou que o chefe não viu nenhum episódio mais grave na fala de Car-

Ministro assume defesa do crescimento e retoma divergências originais do início do governo Fernando Henrique Cardoso

Christiane Samarco e Ricardo Allan Medeiros, de Brasília

valho, mas que reconhece que provocou conturbações e deixou Malan desconfortável. Em razão disso, diz o interlocutor, o presidente classificou o discurso de "infeliz". Por intermédio de seu porta-voz, George Lamazière, mandou dizer apenas que sua confiança em Malan continua inabalável e que não há divergências dentro do governo, apenas diferenças de ênfase e retórica que não afetam as diretrizes por ele estabelecidas.

Malan não respondeu Carvalho no seminário, até por falta de chance, uma vez que fora chamado a discursar primeiro e afirmara ter com o colega "uma relação solidamente construída pela franqueza, humor e sentimento de estarmos trabalhando por algo maior". Malan reiterou sua tese de que desenvolvimento não é

incompatível com manutenção da estabilidade e o controle da inflação. "Sempre foi evidente para mim que o desenvolvimento econômico e social é

o objetivo único de qualquer política econômica digna desse nome", sentenciou.

"Erra quem aposta que Malan sai do governo. Nossa certeza de sua permanência é tamanha, que a executiva nacional do PSDB já agendou uma reunião com o ministro dentro de 60 dias", diz o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG). "Marcamos este encontro para reavaliar como se deu o trabalho do governo depois das conversas com o partido e também para transmitir que jogamos na sua permanência e queremos ajudá-lo na reorganização do governo e da base aliada, superando esta crise que é sobretudo política", completa um dos cinco vice-presidentes do PSDB, deputado Alberto Goldman (SP).

A agenda para o início de novembro foi acertada no jantar da véspera, promovido pelo presidente do PSDB, senador Teotônio Vilela (AL). No encontro, o ministro rea-

firmou a política monetária e fiscal, e os dirigentes do PSDB deixaram claro que não têm a pretensão de revogar as condições macroeconômicas nem de ditar o tamanho do superávit primário. Os tucanos insistiram que não desejam uma "bolha desenvolvimentista", mas querem avaliar as possibilidades de crescimento nos limites da política fiscal. E fizeram cobranças para que o governo fale à sociedade e demonstre que está a seu lado.

"Poderemos crescer mais se fizermos as mudanças indispensáveis para o aumento do investimento", desenvolveu Malan, ao apontar como tarefas inadiáveis nos próximos meses a aprovação da Lei de Responsabilidade Fiscal, as mudanças no regime previdenciário e o esforço para aprovar ainda este ano a reforma tributária. No discurso do seminário, ele insistiu que "o nome do jogo continua sendo o aumento do investimento aliado à responsabilidade fiscal" e sentenciou: "Nós não somos mercadores de ilusões".

"Malan é o beque central e Clóvis, o atacante", ilustrou o líder do governo no Senado, José Roberto Arruda (PSDB-DF), com posições do futebol. O senador ponderou ainda que, a um ritmo anual de crescimento econômico de 4% (projetado para os próximos três anos) a taxa de juros só cairá se o Congresso sinalizar com as votações da Lei de Responsabilidade Fiscal e das reformas previdenciária e tributária. "Aí dá para o Clóvis fazer gol e o Malan não levar gol."

Mas o discurso do líder governista não convenceu o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), que aproveitou para cobrar do presidente Fernando Henrique que unifique a linguagem do Executivo. Magalhães foi cauteloso e não quis comentar eventuais divergências entre os ministros Clóvis e Malan. "Não devo me meter, senão

vão dizer que estou tomando partido e estou querendo derrubar este ou aquele ministro. Se algum ministro fala, o problema não é do presidente do Congresso, é do presidente Fernando Henrique", observou.

Já o líder do PFL na Câmara, deputado Inocêncio de Oliveira (PE), não hesitou em mostrar-se satisfeito com a fala de Clóvis. "Concordo em gênero, número e grau com o ministro", resumiu ao destacar que seu discurso é condizente com a linha do PFL, "que prega estabilidade com crescimento". Segundo o líder, apenas mudanças na orientação da economia poderão garantir que "a instabilidade, antes existente só no campo, não se instale na cidade".

Inocêncio gostou especialmente do trecho em que Carvalho disse que sem desenvolvimento a estabilidade não se consolida, embora também saiba que, sem estabilidade, o desenvolvimento não se sustenta. "Nos últimos meses vimos que, sem crescimento, teremos instabilidade política e que essa instabilidade terminará por contaminar a própria es-

tabilidade econômica", alertou Carvalho, para a alegria do líder pefelista.

Nem o Plano Plurianual (PPA), tão festejado dentro do governo,

escapou das críticas do ministro do Desenvolvimento. Diante dos tucanos, o ministro disse que o projeto é bom, mas que não atende às necessidades do trabalhador no curto prazo. O presidente do Congresso aproveitou a deixa para ponderar que medidas emergenciais poderão ser adaptadas ao texto, garantindo maior eficácia ao plano.

Mesmo recusando-se a avaliar se a fala de Carvalho revelava uma briga com Malan, Inocêncio tomou partido: "Eu não costumo falar mal de gente que está em baixa". Na avaliação de Inocêncio Oliveira, Malan não é mais o ministro que durante cinco anos propiciou o país estabilidade econômica. O parlamentar disse crer que o ministro "terá de mudar" para dar um basta à recessão. Mas ressaltou: "Ele é capaz de fazer isso, não vejo porque mudar nomes no governo".

Colaboraram Kátia Guimarães e Patrícia Oliveira, do InvestNews

"Ajustes não podem ser entendidos como camisa de força para o desenvolvimento", disse o ministro Clóvis Carvalho

"Desenvolvimento econômico e social é o objetivo de qualquer política econômica digna desse nome", disse Pedro Malan